

DESLOCAMENTOS TRANSATLÂNTICOS. VICENTE DO REGO MONTEIRO, O MODERNISMO PERNAMBUCANO E O SISTEMA ARTÍSTICO NACIONAL.

DÉPLACEMENTS TRANSATLANTIQUES. VICENTE DO REGO MONTEIRO, LE MODERNISME PERNAMBOUCAIN ET LE SYSTÈME ARTISTIQUE NATIONAL.

Carlos Henrique Romeu Cabral / IFPE - FRAMESPA

RESUMO

Este artigo investiga alguns deslocamentos geográficos e estéticos remarcáveis na obra do artista modernista Vicente do Rego Monteiro, identificando os itinerários por ele percorrido e percebendo a influência de diferentes geografias sobre a estruturação do modernismo no Brasil. Através da consulta de diversas fontes primárias no Brasil e na França, esta pesquisa se estrutura a partir uma narrativa biográfica, tendo como ponto de partida o estudo sobre a formação artística de Vicente. Em um segundo momento, são estudadas as relações entre a circulação do artista e suas obras com a construção de uma rede transatlântica de contatos, importante para a internacionalização da arte moderna brasileira. Por fim, são considerados os deslocamentos efetuados pelo artista e seus impactos na estruturação do movimento modernista em Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE

Deslocamentos; Vicente do Rego Monteiro ; Modernismo brasileiro; Arte pernambucana

RESUME

Cet article étudie les déplacements géographiques et esthétiques remarquables dans l'œuvre de l'artiste moderniste Vicente do Rego Monteiro, en identifiant les itinéraires parcourus et leurs influences sur la structuration du modernisme au Brésil. Basée sur la consultation de plusieurs sources primaires, au Brésil et en France, cette recherche est structurée à partir d'un récit biographique, ayant comme point de départ l'étude de la formation artistique de Vicente. Ensuite, la circulation de l'artiste et ses œuvres sont étudiées en relation avec la construction d'un réseau transatlantique, important pour

l'internationalisation de l'art moderne brésilien. Et pour clore l'étude, l'impact de ce parcours sera plus précisément associé à la structuration du mouvement moderniste à Pernambuco.

MOTS-CLÈS

Déplacements ; Vicente do Rego Monteiro ; Modernisme ; Art pernamboucain

Deslocamentos, itinerários e formação do artística

Vicente de Paula do Rego Monteiro nasceu no Recife em 19 de novembro de 1899, onde permaneceu até 1908, quando a família Rego Monteiro foi transferida para o Rio de Janeiro. Ainda criança, Vicente entrou em contato, pela primeira vez na capital carioca, com uma atmosfera cultural específica de uma metrópole artística, rica em teatros, museus, exposições, novas arquiteturas, novos ritmos e sabores. O projeto de formação pedagógica da família Rego Monteiro ofereceu para Vicente a oportunidade de construir, desde sua infância, suas primeiras referências visuais sobre o patrimônio artístico brasileiro. Esse processo de construção se desenvolveu não apenas através de suas relações com o ambiente cultural do Rio de Janeiro, mas principalmente no ambiente familiar, artisticamente contaminado por sua irmã mais velha Fedora do Rego Monteiro, então estudante da Escola Nacional de Belas Artes. Depois de passados três anos no Rio de Janeiro, Vicente partiu para Paris com sua família e, em 1911, matriculou-se no curso de escultura da Academia Julian, onde estudou até 1914, como podemos observar na figura 1.

Atelier de Sculpture		
Octobre	(27 Oct 12) 4 dem. mat. de 20 Oct 12 au 26 Nov 12 -	50 10
Nov	11 - 6 - 13 - 20 -	
Dec	(29 Nov 12) 4 dem. mat. de 29 Nov 12 au 29 Dec 12	50 10
Janv	11 - 4 - 11 - 18 - 25 - (19 Jan 13) 4 dem. mat. de 19 Jan 13 au 19 Fév 13	50 10
Févr	12 - 2 - 9 - 16 - 23 - 29 -	
Mars	12 - 4 - 11 - 18 - 25 -	
Avril	12 - 1 - 8 - 15 - 22 - 29 -	
Mai	12 - 5 - 12 - 19 -	
Juin	(2 Juin 13) 4 dem. mat. de 2 au 29 Juin 13	40 10
Juillet	12 - 2 - 9 - 16 - 23 -	
Août	(1er Août 13) 4 dem. mat. de 1er Août 13 au 1er Sept 13	40 10
Sept	(2 Sept 13) 4 dem. mat. de 2 au 29 Sept 13	40 10
Oct	(1 Oct 13) 4 dem. mat. de 1 Oct 13 au 29 Oct 13	40 10
Nov	(20 Nov 13) 4 dem. mat. de 20 Nov 13 au 20 Dec 13	40 10
Dec	14 - 21 -	
Janv	14 - 8 -	

Figura 1. Ficha de Vicente do Rego Monteiro encontrada em um livro de caixa. Archives Nationales, Fonds de l'Académie Julian, cota 63AS19.

A formação artística inicial desse Rego Monteiro e os anos de estudo na *Académie Julian* lhe renderam ao longo de sua carreira como artista visual, uma pequena produção de esculturas, realizadas principalmente durante os primeiros anos de sua trajetória artística. Sua produção de esculturas se limitou à realização de algumas obras que foram exibidas em Paris e outras destinadas às competições artísticas financiadas por agências governamentais brasileiras ou encomendas particulares.

Os primeiros passos de Vicente como artista visual não foram dados no Brasil. Em 1913, aos 14 anos, Vincent expôs pela primeira vez no *Salon des Indépendants*, em Paris, apresentando dois trabalhos (SANCHEZ, 2008, p. 1449). Um ano após sua estreia no mercado dos salões e enfrentando o iminente início da Primeira Guerra Mundial, Vicente voltou ao Brasil acompanhando sua família que se estabeleceu novamente no Rio de Janeiro. Durante sua segunda estada na capital carioca, Vicente aprofundou seu contato com a cultura brasileira através de inúmeras visitas ao Museu Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, lar de uma rica coleção de arte pré-colonial brasileira que mais tarde influenciaria fortemente a produção visual do artista, estabelecendo então as bases do projeto antropofágico nacional.

Transferido para Recife em 1917, Vicente se "despediu" da escultura tendo sua produção artística, então substituída, a partir de 1918, pela pintura, pelo desenho e pela literatura, linguagens que o acompanharam até o fim de seus dias. Segundo o artista, ele abandonou a escultura "porque é um material difícil de se transportar: enquanto um pintor faz 10 pinturas e resolve o problema do espaço, o escultor cria uma obra e confronta as dimensões físicas" (REGO MONTEIRO, 1957, p. 3). As dificuldades apontadas por Vicente nessa linguagem artística indicam que, desde o início de sua carreira, o artista concebe os processos de deslocamento e de circulação de obras de arte como um fator importante para o seu desenvolvimento profissional e determinante para o desenvolvimento de sua poética visual.

Vicente do Rego Monteiro iniciou sua carreira como pintor, produzindo retratos a óleo feitos sob encomenda pela rica burguesia do Recife. Alguns desses retratos foram exibidos na capital pernambucana em vitrines de algumas lojas e frequentemente, na Galeria Elegante, uma espécie de espaço improvisado com exposições temporárias pertencentes à Associação dos Trabalhadores do Comércio de Pernambuco. Paralelamente ao gênero do retrato, Vicente experimentou outras possibilidades de criação e, desde o início de sua carreira de pintor, materializou através de suas imagens, mitos e cenas de um Brasil exótico, místico, mestiço e atraente. Ele se interessou, conforme a figura 2, pela arte primitiva e encontrou na mitologia indígena brasileira as primeiras fontes de inspiração para a construção de

sua primeira série de pinturas, exibida em 1920 inicialmente em Recife e depois nos centros culturais do Sudeste do Brasil.



Figura 2. Vicente do Rego Monteiro, O Boto, 1921, aquarela e nanquim sobre papel, 35,4 x 26 cm. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Segundo o depoimento do artista (REGO MONTEIRO, 1969), esses trabalhos foram inicialmente, temas para a criação de balés brasileiros que deveriam ser orquestrados pelo músico Villa Lobos e produzidos por Ronald de Carvalho. Certamente estes

foram os trabalhos resultantes também, da influência exercida por Ana Pavlova e pela Companhia dos Balés Russos em Vicente, que assistiu a todos os seus shows em Recife durante uma turnê do grupo no Brasil em 1918.

As pinturas feitas por Vicente no início dos anos 20 refletem uma forte influência da pesquisa visual desenvolvida na Europa por artistas simbolistas, combinada com a escolha de uma paleta de cores da Amazônia, composta por poderosos tons de terra para destacar o significado onírico de suas narrativas sobrenaturais. A modernidade na pintura de Vicente do Rego Monteiro ocorre de maneira particular em comparação com outros pintores brasileiros e estrangeiros. Sua escolha de redescobrir a ancestralidade cultural brasileira antecipa os fundamentos do movimento antropofágico e contribui para a criação da identidade visual nacional moderna.

Circulação, redes e internacionalização da arte moderna brasileira

Vicente permaneceu em Recife até 1921, ano que marcou seu retorno para Paris. Durante esse período, o artista organizou oito exposições individuais. Nesse sentido, a capital pernambucana serviu de palco para a apresentação das experiências simbolistas produzidas por Vicente, que despertaram o interesse da elite intelectual do Recife e permitiram ao artista de colher críticas positivas na imprensa local. Somente na década de 1920, outras regiões brasileiras entraram em contato com a pesquisa visual antropofágica de base simbolista desenvolvida por Vicente do Rego Monteiro. Em 1920 e 1921 ele organizou duas exposições no sudeste do Brasil, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, o que permitiu ao artista colocar seu nome e sua obra em circulação nos principais mercados artísticos existentes no país. Apesar do baixo retorno financeiro, esses eventos deram ao artista uma cobertura positiva e discreta nas imprensas paulista e carioca. As exposições também permitiram que ele conhecesse mais pessoas interessadas em seu trabalho, iniciando uma rede de contatos interessantes para o desenvolvimento de sua carreira como pintor.

Durante sua estada em São Paulo, Vicente fez contato com Ronald de Carvalho, poeta e articulador cultural, a quem o pintor confiou algumas de suas obras, muitas das quais fizeram parte da exposição de artes visuais que compunha o programa da Semana de Arte Moderna de 1922. Após sua visita às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Vicente do Rego Monteiro, decepcionado com o mercado de arte brasileiro, decidiu partir para Paris, com várias pinturas em sua bagagem pertencentes a fase simbolista de temática indígena.

Chegando em Paris em 1921, Vicente abriu seu estúdio na rua Gross¹, restabeleceu contato com o escultor ítalo-brasileiro Victor Brecheret e com um comerciante chamado Togores, que ele conheceu durante sua exposição em São Paulo em 1920. Através de seu relacionamento com Brecheret e Togores, Vicente começou a criar uma rede de contatos em Paris que contribuiu positivamente para sua inserção como artista profissional no circuito artístico francês. Com Togores, visitou Leopold Zborowski, marchand de Mondigliani, e o escritor francês Pierre Louis Duchartre que, conhecendo o trabalho de Vicente, o convidou para ilustrar um de seus livros (DUCHARTRE, 1923). Através de Brecheret, Vicente fez contato com os irmãos Jean e Joel Martel, escultores franceses que posteriormente o apresentaram ao escritor Fernand de Divoire, o que levou Vicente ao seu segundo trabalho como ilustrador em Paris (DE DIVOIRE, 1924).

Após uma curta estadia em Nice (1923-1924), financiada pela venda de algumas de suas pinturas à artista brasileira Tarsila do Amaral, que esteve em Paris em 1923 (ROSSETI, 2012, p. 255), Vicente retornou a Paris em 1925 e logo depois do seu retorno, seu ateliê sofreu um incêndio destruindo grande parte de suas obras. Após esse desastre, ele estabeleceu contato com o escultor espanhol Pablo Gargallo, muito próximo de Pablo Picasso, a quem Vicente cedeu seu ateliê em cinzas, para que o escultor pudesse se instalar. Vicente ampliou ainda mais sua rede de contatos, juntando-se ao escultor Juan Gris e ao crítico de arte Géo-Charles, próximo de Gargallo, que estabeleceu com Vicente uma forte relação profissional e pessoal, gerando conquistas importantes para Rego Monteiro.

Enquanto desenvolvia sua experiência como ilustrador em Paris, Vicente continuou a exercer sua atividade como pintor, afastando-se da pintura simbolista e explorando novas possibilidades de construção visual próximas à lógica cubista. As obras artísticas de Vicente do Rego Monteiro, desde sua chegada a Paris em 1921, são compostas principalmente por figuras geométricas pertencentes ao universo indígena brasileiro e marcadas por uma forte influência dos trabalhos e conselhos de seu professor em Paris, Fernand Léger, conforme observamos na figura 3.



Figura 3. Vicente do Rego Monteiro, A caçada, 1923, óleo sobre tela, 202cm x 259,2 cm.
Centro Pompidou, Paris

A figura 3 mostra o interesse de Vicente pela cultura indígena brasileira e, mais especificamente, pela cerâmica Marajoara, produzida pelos indígenas que habitavam a ilha de Marajó, localizada no estado do Pará. As formas, decorações, figuras antropozoomórficas e cores, características da cerâmica marajoara podem ser encontradas claramente nesta pintura de Vicente.

Nos anos 1920, a produção artística de Vicente do Rego Monteiro concentrou-se principalmente em Paris. Com a presença de seus trabalhos em várias salas de exposições, o artista circulou suas pinturas e desenhos em diferentes salões organizados em Paris, contribuindo assim com o processo de internacionalização da pintura moderna brasileira. Entre 1923 e 1929, Vicente participou de dez exposições coletivas divididas entre o *Salon des Indépendants* (SANCHEZ, 2008, p. 1449), o *Salon des Tuileries* (SANCHEZ, 2007, p. 629) e o *Salon d'Automne* (SANCHEZ, 2006, p. 1160). Sua presença constante nos principais salões modernistas de Paris trouxe a Vicente um maior interesse por parte da crítica de arte francesa por sua obra. Rego Monteiro também recebeu o apoio do galerista Léonce Rosemberg e seu boletim de notícias *L'Effort Moderne*, que reproduziu algumas de suas pinturas em três edições².

Vicente, o modernismo pernambucano e o sistema artístico nacional

Depois de passar a maior parte da década de 1920 em Paris, Vicente retornou ao Brasil em 1930 acompanhado por Géo-Charles para organizar uma grande exposição internacional de arte moderna, composta por várias obras de arte fornecidas principalmente pelo *marchand* Léonce Rosemberg. A exposição apresentou no Brasil, inicialmente em Recife, uma série de conferências e diversas obras de arte de artistas de vanguarda, produzidas no início do século XX, reunindo nomes de muitos cubistas, expressionistas, surrealistas e abstracionistas como podemos observar na figura 4.

LISTE DES EXPOSANTS	
BAUCHANT.	LAHNER.
Marie BLANCHARD.	LA SERNA.
BORRÈS.	LE FAUCONNIER.
BOSSHARD.	LÉGER.
BRAQUE.	LHOTE.
CAMPIGLI.	LOUTREUIL.
CLÉMENT.	LURÇAT.
CSAKY.	MARCOUSSIS.
DERAIN.	MASEREEL.
Germaine DERBECQ.	MASSON.
DUFY.	MATISSE.
FARKAS.	MONTEIRO.
FASINI.	PAPAZOFF.
FLOUQUET.	PICASSO.
FOUJITA.	RENDON.
GALLIBERT.	SANDOZ.
GLEIZES.	SENABRÉ.
GOUNARO.	SEVERINI.
Juan GRIS.	STERLING.
GROMAIRE.	SURVAGE.
HALICKA.	VALMIER.
HERBIN.	VLAMINCK.
JOAQUIM.	VINES.
LAGLENNE.	Eugène ZAK.
LAURENS.	

Figura 4. Lista de artistas expositores da Exposição Internacional École de Paris no Brasil.
Revue Montparnasse, Paris, 1930, n° 58, p. 1.

A exposição organizada pela dupla Rego Monteiro e Géo-Charles foi a primeira a reunir um grupo de artistas renomados integrantes da Escola de Paris, bem antes da exposição de 1945, dedicada à Escola de Paris que o governo francês organizou. Este evento atualizou o sistema cultural de Pernambuco, de São Paulo e do Rio de Janeiro, a partir da introdução de várias obras relacionadas a certas tendências estéticas nunca vistas no país. Após o término da exposição da Escola de Paris, Vicente se instalou novamente no Brasil, chegando a Recife em 11 de novembro de 1931 (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1931, p. 2) com sua esposa Marcelle Louis Villard e com muitos projetos para o futuro após a aquisição de uma propriedade rural graças à venda de algumas poucas pinturas da exposição da Escola de Paris.

Residindo na zona rural da cidade de Gravatá, a 86 km da capital do estado de Pernambuco, Vicente dedicou-se a duas novas atividades: produção de cachaça e produção literária. A produção de cachaça não durou muito tempo, já a literatura o acompanhou até o final de seus dias. Na destilaria Várzea Grande, o artista produziu duas cachaças que foram comercializadas em Pernambuco na década de 1930: a cachaça Cristal e a cachaça Várzea Grande. Vicente coordenou o processo de produção dessas bebidas espirituosas, desde a plantação de cana até a fabricação de rótulos, o que permitiu a introdução de uma bebida de alta qualidade no mercado brasileiro, com um design elegante e moderno. No entanto, devido ao baixo custo de comercialização do produto e à forte concorrência no estado de Pernambuco, um dos principais centros de produção de cachaça no mundo, a empresa não forneceu a Vicente um retorno financeiro positivo, o que levou o artista empreendedor a interromper a produção de suas cachaças em 1937.

Nomeado em 1936 pela Ação Monarquista Brasileira, secretário provincial do estado de Pernambuco, Vicente deixou o Engenho Várzea Grande e se estabeleceu na cidade de Recife, estreitando relações com figuras influentes da cena política, como Agamenon Magalhães, representante federal do estado de Pernambuco (1937-1945). No ano seguinte, em 29 de janeiro, Vicente foi nomeado diretor de imprensa do estado de Pernambuco (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1937, p. 3) e tornou-se membro associado da Associação de Imprensa do Estado. Um ano depois de assumir o cargo de diretor da imprensa oficial em Pernambuco (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1937, p. 3), Vicente assumiu outro papel administrativo no governo, atuando como consultor legislativo e econômico do estado (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1938, p. 1).

A produção artística construída por Vicente do Rego Monteiro na década de 1930 ocupou um lugar secundário na vida profissional do artista. Depois de se dedicar à fabricação de cachaça e às suas atividades políticas e administrativas, a pintura de

Rego Monteiro não sofreu grandes transformações, continuando a seguir a mesma lógica de composição presente em sua produção na década de 1920 em Paris. O reconhecimento do patrimônio artístico de Vicente e sua importância no desenvolvimento da arte moderna latino-americana durante esse período já eram visíveis em Paris, não apenas pela aquisição de uma de suas obras pelo Museu de Arte Moderna da cidade, mas também por sua participação na exposição inaugural da Casa da América Latina em Paris em 1930. Nesse sentido, Vicente foi institucionalmente inserido em um grupo de artistas considerados pela crítica de arte internacional como vetores responsáveis pela introdução e pelo desenvolvimento de várias vanguardas em diversos países da América Latina.

A passagem da década de 1930 para a década de 1940 marcou sua integração na esfera artística brasileira através da participação em exposições como artista visual e também como professor de desenho no Ginásio de Pernambuco em 1939 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1939, p. 5), cargo que ocupou até 1946, quando ele decidiu voltar para Paris onde continuou a se dedicar à poesia, ilustração e publicação de livros. Durante sua estada em Recife, na década de 1940, Vicente também contribuiu para o desenvolvimento dos processos de impressão e publicação gráfica em Pernambuco, criando sua *Presse à Bras*, composta por uma impressora manual que lhe permitia imprimir e publicar poemas, ilustrações e reproduções de obras de arte de artistas e escritores modernistas brasileiros e franceses. Nesse sentido, Vicente contribuiu para a expansão de espaços dedicados às atividades literárias em Pernambuco, desenvolvendo sua atuação profissional como poeta, editor e produtor cultural. Em 1941, criou o primeiro congresso de poesia de Recife, estruturado a partir de várias sessões realizadas nas residências de intelectuais pernambucanos, como Octavio de Freitas, Willy Lewin e também em sua própria casa, uma espécie de minimuseu e casa de pesquisa e inspiração para muitos artistas de Pernambuco:

Eu tinha na minha casa uma sala muito confortável, muito simpática, onde mantinha uma espécie de exposição permanente de quadros que trouxe de Paris. Eu tinha um quadro de Marcusi, de Herbin, abstracionista, e os quadros de meu irmão Joaquim. A minha sala era visitadíssima pelos pintores e intelectuais da época. (REGO MONTEIRO, 1969, p.2)

Ainda em Recife, Rego Monteiro organizou em 1946 outra edição do Congresso de Poesia. Em sua segunda edição, o evento foi organizado em colaboração com o poeta Edson Regis e com a contribuição de obras de poetas e de escritores de outros estados do Brasil, como o poeta cearense Otacílio Colares, que então organizou um congresso no mesmo modelo em seu estado de origem.

Durante a década de 1950, Rego Monteiro dividiu sua produção artística entre as Artes Visuais e a Literatura e seu campo de ação, entre as cidades de Paris e Recife. Durante esse período, é possível identificar as cidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo como os principais locais de circulação da produção visual desse Rego Monteiro no Brasil, o que sugere um reconhecimento em nível nacional do artista. Com exceção dos caligramas, Vicente permaneceu fiel ao seu estilo pós-cubista desenvolvido na década de 1920, reproduzindo a mesma paleta de cores e mantendo o mesmo volume que caracterizou sua produção visual desde o início de sua carreira como pintor. No final da década de 1950, Vicente continuou a colher os benefícios de sua produção na década de 1920, conquistando novos territórios na Europa. Em 1958, o Palais de Liège adquiriu duas obras³ de Vicente e as exibiu no térreo do palácio, como afirma Géo-Charles (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1958, p. 16).

Depois de sofrer um ataque cardíaco em Paris, enquanto trabalhava na Press à Bras, Rego Monteiro partiu para o Brasil e chegou novamente a Recife em 1º de março de 1957 (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1957, p. 1), onde permaneceu até o fim de sua vida. De volta a Pernambuco, Rego Monteiro foi imediatamente nomeado professor de desenho no Ginásio Pernambucano e, no mesmo ano, também foi nomeado professor encarregado de aulas de natureza morta na Escola de Belas Artes de Recife, onde formou uma geração de artistas. Desde que voltou ao Brasil e ingressou na Escola de Belas Artes de Recife como professor, Vicente continuou a trabalhar para o mercado de arte na França, fazendo viagens anuais à Paris durante as férias escolares.

Instalado definitivamente em Pernambuco, Vicente do Rego Monteiro, continuando sua produção como artista visual e poeta, procurou contribuir para o desenvolvimento do sistema cultural local através de seu compromisso com a criação de grupos e coletivos de artistas e também com sua influência no cenário político pernambucano. Em 1963, Vicente ingressou no conselho tributário da União dos Escritores Brasileiros, como chefe da Divisão de Belas Artes (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1963, p. 3). Rego Monteiro assumiu no ano seguinte a direção do departamento de turismo da prefeitura de Olinda, aceitando o convite feito pelo prefeito da cidade, Eufrásio Barbosa. Após a mudança de prefeito realizada em Olinda em 1965, ele permanecerá no cargo até dezembro daquele ano. Durante seu tempo na prefeitura de Olinda, Vicente transferiu seu ateliê para o centro histórico da cidade e estabeleceu contato com artistas locais para desenvolver várias atividades culturais coletivas. Rego Monteiro participou também da criação de dois ateliês coletivos em Olinda, fundados por artistas que muito contribuíram para a solidificação do modernismo em Pernambuco. Em 1964, criou com José Barbosa, Guita Charifker, Adão Pinheiro, Ypiranga Filho, Roberto Amorim, João Câmara e José

Tavares, o Ateliê da Ribeira, localizado no recinto de um antigo mercado público, transformado em galeria de arte, complexo de lojas de artesanato e espaço dedicado à realização de cursos de artes plásticas e História da Arte (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1964, p. 3). No mesmo ano, Vicente também participou da criação do Ateliê +10, outro espaço coletivo dedicado à produção e circulação de produtos artísticos na cidade de Olinda. O desempenho de Rego Monteiro no sistema cultural da cidade de Olinda foi rápido, e pouco depois de perder sua posição na prefeitura de Olinda, seguiu para a capital federal, Brasília, então comandada pelo exército após o golpe de 1964. Em Brasília, Rego Monteiro atuou como professor e chefe de impressão no Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília entre 1966 e 1968, enquanto colaborava com o jornal local Correio Brasiliense, onde publicou textos na seção de Turismo.

Vicente finalmente se aposentou em 1966, após a ocupação de seu ateliê por estudantes revoltados contra a ditadura militar no país. Nesta ocasião, muitas de suas obras e de seu irmão Joaquim do Rego Monteiro, foram destruídas. Após esse evento, Vicente decidiu retornar ao Recife, onde continuou a expor e produzir seu trabalho como artista visual e poeta.

A década de 1960 marcou o reconhecimento de Rego Monteiro como catalisador da pintura moderna no Brasil e na França, com obras adquiridas por importantes museus⁴. O grande número de exposições retrospectivas organizadas por galerias de arte e museus de ambos os países aumentou consideravelmente a circulação da obra desse Rego Monteiro. Entre as exposições coletivas em que o pintor participou, merece destaque a exposição que ocorreu em 1967 na Galeria Katia Granoff, em Paris, sob os auspícios de Stanton Catlin, professor da Universidade de Yale e diretor do Centro de Relações Interamericanas de Nova York, que reuniu os precursores da pintura moderna na América.

Desde a década de 1960, o trabalho de Rego Monteiro tem sido amplamente abordado pela imprensa brasileira com artigos publicados em diversas mídias e em diferentes estados e regiões. No entanto, apesar do reconhecimento óbvio, é apenas a partir da década de 1970 que suas obras foram valorizadas no mercado brasileiro. Os preços de suas pinturas atingiram valores astronômicos em leilões de arte no início da década de 1970, ano que marcou a morte do artista, que veio a falecer dentro do aeroporto de Recife, como resultado de um ataque cardíaco enquanto se preparava para uma viagem ao Rio de Janeiro para participar de uma exposição retrospectiva. Seu corpo foi velado na Escola de Belas Artes de Pernambuco e enterrado em Recife no cemitério Santo Amaro.

Os últimos anos de Vicente do Rego Monteiro foram marcados por várias complicações financeiras. As viagens de volta a Paris para encontrar Marcelle, estabelecida na capital francesa desde o início dos anos 1960, não foram suficientes para dissipar a solidão e as necessidades de Vicente. Em Recife, o artista construiu uma segunda família em uma união extraconjugal com uma mulher chamada Crisolita (JORNAL DO BRASIL, 1994, p. 1-2), mãe de sete filhos. Juntos, o casal teve um filho chamado Vicente do Rego Monteiro Junior que, como seu pai, segue a carreira de pintor.

Notas

¹ O atelier de Vicente, situado na Rua Gross, funcionou igualmente como um ponto de abrigo para outros artistas e intelectuais pernambucanos como foi para o seu irmão mais novo, o pinto Joaquim do Rego Monteiro, e para o sociólogo Gilberto Freyre.

² N° 18 (out de 1925) – Les trois Religieuses et Nativité, N° 20 (dez 1925) – Mater Dolorosa et le nu aux bras levés e N° 32 (fev 1927) – Adoration des berges.

³ Os Calceteiros e *Gardien de vaches brésilien*.

⁴ Paris - Musée du Jeu de Paume: L'Enfant et les Bêtes (1925), Musée d'Art Moderne: La chasse (1923) e L'Adoration des Bergers (1927); Grenoble – Musée de Grenoble: Le Combat (1927); Liège – Palais des Congrès Internationaux: Les Paveurs (1924) e Le vacher brésilien (1927); Recife – Museu do Estado de Pernambuco: Diana (1926), Natureza Morta (1947) e Assumpção (1944).

Referencias

Arquivos públicos

Archives Nationales, Pierrefitte-sur-Seine.

Fonds de l'Académie Julian, cota: 63/AS/1-26

Museu de Arte de São Paulo, São Paulo.

REGO MONTEIRO, Vicente. **Gravação para o ciclo de Artes Plásticas do Museu da Imagem e do Som**. (Entrevista concedida a) Walmir Ayala. Museu da Imagem e do Som, São Paulo, 27 out. 1969.

Bibliografia

A. **Diário de Pernambuco**, Recife, 06/04/1958. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/47295

Atelier & Galeri. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30/10/1964. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/029033_14/32392

BRUSCKY, Paulo (dir.). **Vicente do Rego Monteiro Poeta Tipografo Pintor**, Recife, CEPE, 2004.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Conselho legislativo e de economia do Estado. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22/01/1938. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/27630

DE DIVOIRE, Fernand, **Découvertes sur la danse**, G. Crès et Cie, Paris, 1924.

DUCHARTRE, Pierre Louis. **Légendes, croyances et talismans des Indiens de l'Amazone**, Tolmer, Paris, 1923.

Esperado hoje o poeta e pintor Vicente do Rego Monteiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 01/03/1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/38939

GEO-CHARLES. **Catálogo da Exposição Vincent Monteiro**, Galerie de la Baume, Paris, 1963.

Interventoria Federal. **Diário de Pernambuco**, Recife 01/06/1939. Sessão Serviço publico. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/33581

L'Effort Moderne, Paris, n° 18 (1925) ; 20 (1925) ; 32 (1927)

O fim do longo exilio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 04/09/1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/123762

Posse da diretoria da U. B. E. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17/02/1963. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_14/21275

Reuniu-se hontem a directoria da Associação da Imprensa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 04/03/1937. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/23457

Revue Montparnasse, Paris, n° 58, 1930.

SANCHEZ, Pierre. **Dictionnaire du Salon d'Automne (1903-1945)**. Répertoire des exposants et liste des œuvres présentée, Dijon, L'Échelle de Jacob 2006.

____ **Dictionnaire du Salon des Tuileries (1923-1962)**. Répertoire des exposants et liste des œuvres présentée, Dijon, L'Échelle de Jacob, 2007.

____ **Dictionnaire des Indépendants (1920-1950)**. Répertoire des exposants et liste des œuvres présentée, Dijon, L'Échelle de Jacob, 2008.

Viajante. **Diário de Pernambuco**, Recife 12/11/1931, Sessão Diário Social. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/4903

Vicente do Rego Monteiro: A poesia rompeu o meu plafond. **Diário de Pernambuco**, Recife, 07/03/1957. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/38996

Carlos Henrique Romeu Cabral

Doutor em História da arte pela *Université Toulouse II*, professor do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), campus Olinda, coordenador do comitê de História, Teoria e Crítica de Arte da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), membro pesquisador do laboratório *France, Amériques, Espagne, sociétés, pouvoirs, acteurs* (L'UMR 5136 FRAMESPA) e membro do *Groupe de Recherche en Histoire de l'Art Moderne* (GRHAM). Contato: carlos.cabral@olinda.ifpe.edu.br